

# O NEVEIRO

---

Boletim Informativo do Rancho Folclórico Neveiros do Coentral  
Nº 15 – V Série – Abril, Maio e Junho de 2004

---



a música de hoje é com:  
a nova Direcção;  
a Responsabilidade e o Orgulho;  
Vilas de Pedro, hoje e a próxima;  
jantares, emplastos e jornais;  
a entrevista com: *Américo Barata*;  
*os Almeidas*;  
o Neveiro *Gourmet*;  
a Migração... na 1ª Pessoa!  
...muitas Flores;

e terminamos da forma como começamos, com música...



**1964 - 2004**

**40º Aniversário**

**do**

**Rancho Folclórico Neveiros do Coentral**

---

Sede:  
CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense  
Freguesia do Coentral – Coentral Grande  
3280-201 Coentral

### Ficha Técnica - O Neveiro

Propriedade:  
Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

#### **Os que parece que fazem:**

Helder Machado  
Jorge Almeida  
Paulo Miranda  
Emílio Miranda

#### **Os que realmente fizeram:**

José Manuel Machado  
Jorge Bento  
Andreia Simões  
Susana Barata Henriques  
Paula Claro  
Marta Gromicho  
Olga Almeida  
Não Acabou

#### **Distribuição:**

Hoje, dia 05-06-2004

#### **Periodicidade:**

Voltamos já em Julho!

#### **Tiragem:**

Segredo de estado

#### **Preço de Capa:**

... não tem preço!

*quando exprime frontalmente uma posição própria. Nota editorial. # Empresa editora.*

Faria, Maria Isabel - Pericão, Maria da Graça; NOVO DICCIONARIO DO LIVRO, DA ESCRITA AO MULTIMEDIA, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999

#### **# 2**

*Texto breve de opinião, claro e incisivo, assinado por um elemento da direcção editorial que exprime as posições do jornal perante os factos da actualidade.*

Livro de Estilo - PUBLICO, Lisboa, Jornal Publico, 1998



Como facilmente compreenderão, devido a falta da inspiração necessária, apresento-vos estas duas definições básicas do que poderá e devera ser um tradicional editorial.

É verdade, também há dias assim, na vida daqueles que tem por mania teimar em escrever aqui, qualquer coisa digna desse mesmo nome, paciência.

Hoje estou ausente, mas nem por isso esquecido da tarefa que vos espera, ou que acabaram de executar da forma brilhante de sempre, e, podem ter a certeza que já dei um mergulho... se calhar até foram dois, a pensar em... Picassinos... que nome curioso...

é só um balanço!

*Milo*

## **EDITORIAL**

### **# 1**

*Relativo a edição ou ao editor; comercio, contrato, direito editorial. # Artigo de jornal ou revista que reflecte o pensamento e a orientação dos seus dirigentes, habitualmente colocado na primeira página. # Artigo de fundo, em alguns jornais o editorial esta sempre presente e chega a constituir a peca forte*

*O Neveiro* apresenta-lhe os

*CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO 2004 – 2005*

do Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

*CONSELHO GERAL*

**PRESIDENTE – Alberto Simões**

**SECRETÁRIO — Paulo Manuel Sousa Miranda**

**VOGAL – José Henriques Antunes de Almeida**

*DIRECÇÃO*

**PRESIDENTE – José Manuel Machado Fernandes**

**SECRETÁRIO — Jorge da Costa Bento**

**TESOUREIRO — Jorge Manuel Miranda Fernandes**

**VOGAL – Armando Santos Simões**

**VOGAL – Bruno Miguel Tomás Simões**

*CONSELHO FISCAL*

**PRESIDENTE – Américo Dinis Barata**

**VOGAL – Susana Isabel Simões Barata Henriques**

**VOGAL – Ana Cristina Simões Barata**

**...não em ultimo, mas por ultimo o vosso aplauso é  
para a nossa Ensaiadora: *Palmira Simões***



## *Responsabilidade e Orgulho*

Periodicamente novos Neveiros aceitam liderar o Rancho por um período de dois anos. Assim, em Março último, dois “jovens” fundadores, mais dois que o fizeram reviver em 79 e um outro, já reforço do séc. XXI, aceitaram este desafio.

Pertencentes a três gerações diferentes, têm o mesmo amor ao Rancho e igual motivação para trabalhar e em serem úteis.

No entanto, a RESPONSABILIDADE desta nova Direcção é redobrada pelo facto dos “Neveiros do Coentral” cumprirem, em Julho próximo, 40 anos de existência.

É hoje um dos mais antigos Grupos Folclóricos do país.

São quatro dezenas de anos dedicados ao estudo das danças, cantares, trajes, actividades de subsistência, enfim, da cultura dos nossos antepassados e do nosso Coentral, e a sua divulgação ao longo do país e em terras do Brasil.

É unânime o reconhecimento que a história dos “Neveiros” tem sido construída com muito trabalho, seriedade, dedicação e amor ao Coentral.

É por tudo isto, um grande motivo de ORGULHO para todos nós.

Esta Direcção recebeu uma boa herança das anteriores. Assim vejamos:

- O Rancho tem um conjunto de elementos muito motivados. Os ensaios e actuações estão bem entregues à ensaiadora;
- Temos uma competente Comissão do Traje;
- O Núcleo Museológico está muito bem dirigido e ganhando prestígio;
- O Jornal “O Neveiro”, imprescindível na comunicação entre todos nós, tem três activos e empenhados Editores;
- O Site [www.oneveiro.web.pt](http://www.oneveiro.web.pt), autentico postal ilustrado do Rancho e do Coentral, tem um responsável conhecedor e interessado.

Apesar deste agradável panorama, a Direcção não se pode acomodar.

Não pode perder de vista um objectivo principal: **FAZER CRESCER O RANCHO**

As Organizações que não crescem, acabam frequentemente por morrer. É dos livros.

Para isso definiu metas simples, que não pode deixar de atingir:

- Ser um polo de união de todos os Neveiros;
- Dar condições de trabalho a todas as referidas áreas de actividade dos “Neveiros do Coentral”;
- Promover a imagem do Rancho, do Coentral e da sua história;
- Viver o 40º aniversário em são e alegre convívio;
- Procurar reforçar o número de elementos do Rancho, através do regresso de antigos componentes e aliciando novos.

O último objectivo é extraordinariamente importante, mas também o mais difícil de atingir.  
Difícil... mas não impossível.

É verdade, e muito importante, que temos um grupo coeso, motivado e trabalhador, mas pequeno para as nossas ambições.

Não pudemos recusar honrosos convites por falta de componentes disponíveis.

Temos bases sólidas. Mas teremos de as reforçar.

Ajudem-nos a convencer antigos a voltar... e a entusiasmar novos elementos.

Da nossa parte garantimos que estamos motivados a trabalhar nos próximos dois anos de modo a deixar o Rancho mais forte... ao fim e ao cabo o objectivo de todas as Direcções que nos precederam, segredo da existência dos Neveiros ao longo de 40 anos, motivo de RESPONSABILIDADE e ORGULHO, para todos nós,

*Rancho Folclórico Neveiros do Coentral*  
*A Direcção*

***Em VILAS DE PEDRO***

EXCELENTE ACTUAÇÃO DOS NEVEIROS

O nosso Rancho actuou na tarde de Domingo 18 de Abril, em Vilas de Pedro.

Excelente actuação, não só pelo seu elevado nível exhibicional, mas também pela alegria por todos manifestada durante as danças.

No final estavam contentes os espectadores e estávamos nós, os Neveiros, os que actuaram e os que assistiram.

Temos Rancho...

Vê-se que há muito trabalho nos ensaios... dos que ensaiam... e da ensaiadora.

A Direcção, naturalmente orgulhosa, apresenta os seus parabéns a todos os que se apresentaram no palco naquela tarde, sejam tocadores, cantores, apresentadores ou bailadores, quer também manifestar a satisfação e o apoio dado pela presença na actuação de todos os membros da Direcção anterior e, muito particularmente, a do Zé Almeida, em excelente recuperação do difícil período de doença que recentemente atravessou e que à sua família e aos seus amigos tanto preocupou.

À Direcção anterior e ao Zé Almeida dedicamos esta actuação em Vilas de Pedro...

... mas a todos os Neveiros presentes, um grande obrigado pela dedicação ao Rancho.

*A Direcção*

Próximas actuações D' Os Neveiros

PICASSINOS ( MARINHA GRANDE) a 5 de JUNHO (É hoje!!)

e

BAGUINHO DO MONTE ( GONDOMAR ) a 7 de AGOSTO

MAIS DUAS TERRAS DO NOSSO PAÍS QUE VÃO FICAR A CONHECER O COENTRAL E OS NEVEIROS...

MAIS DUAS JORNADAS DE BOM E AGRADÁVEL CONVÍVIO...

E

CERTAMENTE MAIS DUAS BOAS ACTUAÇÕES A RECORDAR.

## ***ainda o Emplastro...***

No último numero d' *O Neveiro* vem publicada uma entrevista com os nossos amigos criadores-fazedores deste jornal.

Leram? Se não leram, leiam e já agora passem também um olhar pela Ficha Técnica. E que lhes parece o significado da figura por eles escolhida para os entrevistar?

Em resumo, afigura-se-me que, entre o próprio grupo dos 4, o caminho não tem sido pacífico mas também parece existirem razões exógenas que passam um pouco por quase todos nós.



Penso, pois, que não será abusivo concluir a existência de uma forte desilusão, frustração e desmotivação entre os editores d' *O Neveiro*, com excepção de um deles para quem esta tudo bem desde que tenha, por perto, umas "sandochas e umas bejecas".

Concomitantemente, porém, não posso deixar de lembrar aos nossos amigos que, estado d'alma idêntico ao deles atingiu, já decerto, outros *Neveiros*, noutras ocasiões nas mais diversas funções para mais, num universo tão numeroso e ao longo de tantos anos...

Seja como for e, dado que a situação interna esta ultrapassada, o que se pede aos restantes *Neveiros* é a sua mais assídua e permanente colaboração.

Considero que o *Neveiro* foi e é um projecto bem sucedido e não seria nada agradável "deixa-lo morrer" quando estamos em pleno decurso do 40º aniversário d'Os *Neveiros*. Quero crer que...

não acabou!!

***Jorge Bento***



## AOS EDITORES d'O NEVEIRO E DO SITE “O NEVEIRO”...

**Isto de ser Director também tem as suas vantagens....**

A pretexto de analisarmos as dificuldades dos editores do Jornal e do Site na Internet, eu e o Jorge Bento “mamámos” um jantar em casa do Milo.

O Milo além de simpático anfitrião foi também o cozinheiro. E que excelente jantar italiano nos presenteou...

Mais uma qualidade que ficámos a conhecer ao Milo... para além das de bailador, redactor e editor do Jornal... e de bom amigo.

Mas não fomos só nós a comer “à conta”. O seu irmão Paulo, o Helder e o JoBé também se banquetearam.

Agradabilíssima foi a conversa. Debatemos construtivamente problemas.

Penso que no fim todos estávamos contentes com o decorrer da reunião ( e pelo excelente vinho e whisky...).

Temos equipa.

Os responsáveis pelo Jornal “*O Neveiro*” precisam do apoio de todos, participando como “escritores” com temas que nos façam sentir e comentando ou proponho melhorias a introduzir.

Vamos todos colaborar... incluindo a Direcção, que assumiu compromissos...

O Site “*O Neveiro*”, excelente postal do Rancho, vai aumentar o seu espaço na Internet e vai ser mais divulgado, designadamente nos jornais da nossa região.

O Jornal e o Site são dois andares muito importantes no Edifício que são os Neveiros.

São dois dos nossos motivos de orgulho.

Não podemos já passar sem eles. São partes integrantes do Rancho.

Todos nós agradecemos o esforço que estes 4 Neveiros desenvolvem mantendo vivas estas duas chamas imprescindíveis, e a Direcção manifesta-lhes todo o seu apoio para levarem o barco a bom porto.

Por hoje ACABOU...

**.... e, o mais tardar, com mais notícias, até ao próximo jantar no Milo...**

**... sim, porque precisamos de analisar este número com os seus Editores....**



## ***Entrevista com:***

Mais uma vez, na linda paisagem do nosso Coentral, e em época de festa pascal, pedi ao meu padrinho, Américo Barata, poucos minutos do seu tempo para me responder a algumas perguntas e comigo recordar tempos que já lá vão. Foi uma conversa bastante agradável e emotiva porque este senhor já tem muitos anos de rancho e cada momento passado nesta família deixa saudades.

Leiam então este bocadinho de recordações que vão concerteza ajudar a perceber melhor como eram as coisas naqueles tempos... em que o nosso rancho ainda era uma “criança”, tempos estes que deixaram muitas saudades.

**Andreia – Quando entrou para o Rancho?**

**Américo** - A primeira vez que dancei? A 11 de Julho de 1964... e ainda aqui estou. A dançar quero fazer os 40 Anos.

**Andreia - Como aconteceu esta entrada?**

**Américo** - Os nossos primeiros ensaios eram na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, antes da primeira actuação. Houve um ensaio e eu não fui, e como havia falta de rapazes houve alguém que se lembrou...”Então e o Américo? Houve alguns que acharam que eu estava velho, tinha 29 anos...Mas depois de quase 40 Anos ainda aqui ando (diz com ar de satisfação). Alguns já foram e eu cá estou. E foi o Dr.Herlânder que me convidou e eu no segundo ensaio lá estava.

**Andreia - Qual foi, na altura, a opinião da madrinha?**

**Américo** (diz com ar pensativo...) - Ela não entrou comigo, salvo erro. Mas ficou satisfeita, não houve qualquer problema. Depois mais tarde quis fazer parte.

**Andreia - Então os ensaios na altura eram na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, como já disse...**

**Américo** - Pois, os ensaios eram naquela casa e eu fazia parte da direcção. Eu, o Dr. Herlânder e o Domingos Machado que já morreu.

**Andreia - Tiveram muitos ensaios antes da 1ª actuação?**

**Américo** - Não, uns três ou quatro talvez. Não posso precisar. (Pensando...) Na primeira actuação só dancei uma dança, o Fado Mandado. Os grandes bailadores da altura eram a Manela, a Olga, a Drª Fernanda que era colega do Doutor, a Maria, o Zé Manel, o Jorge Bento (um dos maiores dançarinos que passou no Rancho) e o Armando, que era o par da Maria. A Drª Fernanda foi uma das nossas primeiras ensaiadoras.

**Andreia - Lembra-se de alguma coisa engraçada que tenha acontecido nas primeiras actuações?**

**Américo** - Havia muitos nervos e acho que isso era bastante engraçado. Lembro-me perfeitamente das reacções.

**Andreia - E o padrinho estava muito nervoso?**

**Américo** (sorri...) - Quem não estava?! Estávamos todos, eu talvez mais à vontade porque era o mais velho. Nessa altura, tínhamos uma responsabilidade e para nós representar o Coentral era uma coisa... muito importante...(pára para recordar) Para mim e para todos! Bons tempos...que me desculpem os jovens. (risos)



## ***Américo Barata***

**Andreia** - *E sempre dançou ou já experimentou a tocata?*

**Américo** - Não, nunca experimentei a tocata porque não tenho jeito. Tenho dois instrumentos em casa...um harmónio e um banjo. O banjo tem 60 ou 70 anos...era do teu bisavô e o harmónio tem nas minhas mãos 30 ou 40 anos.



**Andreia** - *Qual a música ou músicas que lhe dá mais prazer dançar?*

**Américo** - Quando não dançava todas ficava chateado (ri-se). Mas gosto de todas, não tenho nenhuma predilecção. Mas (diz com ar nostálgico)...o Fado Corrido é extraordinário, embora o Fado Mandado seja a mais castiça. Mas gostava de dançar todas. Uma das danças que pouco dancei em público é o Vira do Camelo. Só a dancei duas ou três vezes, se tanto.

**Andreia** - *Como conciliava o Rancho com o resto da sua vida e o seu trabalho?*

**Américo** - Sem stress (risos). Levantava-me todos os dias às 5 da manhã e às vezes estava no banco até à meia-noite. Dormia três horas por noite e nunca faltava a nenhum ensaio ou actuação (diz com ar orgulhoso). Sem problemas nenhuns. Havia tempo para tudo.

**Andreia** - *Então era fácil?*

**Américo** - Arranjava-se tempo para tudo, até para as paródias. Sem stress. Nunca tive stress.

**Andreia** - *Alguma vez pensou em desistir?*

**Américo** - Não, nunca (pensativo)...desistir nunca.

**Andreia** - *Neste momento, quase na hora da saída, o que é que sente?*

**Américo** (Muito emocionado)- Saudades, muitas saudades...mas reconheço que a idade já não permite. Tenho pena de não vir agora a Vilas de Pedro, nem que fosse só para uma. Embora seja muito difícil estar em cima do palco só dançando uma ou duas. Por vezes sentia-me frustrado por estar tanto tempo em cima do palco sem fazer nada.

**Andreia** - *Por fim, qual a mensagem que gostaria de deixar aos mais novos?*

**Américo** (risos, com muita emoção)- ...Mensagem? (pensa...) Que sintam as responsabilidades e que vivam o Rancho, conforme eu vivi com muita alegria... muita responsabilidade... tudo. Que tenham muito respeito pelos ensaiadores. Que se lembrem sempre que o Coentral é uma das terras mais lindas da serra da Lousã, senão a mais linda.

**Andreia** - **Padrinho, muito obrigada pelas suas palavras e por ter partilhado comigo todas essas alegrias.**

**Américo** - Obrigado eu (abraço carinhoso, carregado de emoção e saudade).

**Andreia Simões**

## Introdução

Cá estamos novamente para conhecer mais uma das origens das nossas famílias Contralenses. Desta vez vamos ler sobre a família “Almeida”.

Esta informação (com excepção do último ponto) foi recolhida a partir do site de internet



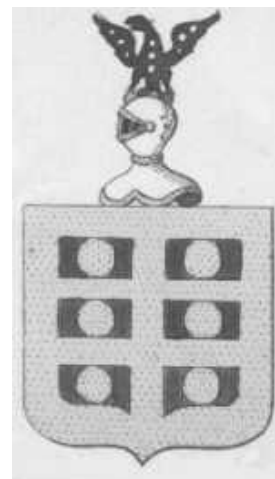
# ALMEIDA

## História

- Almeida é um apelido de origem toponímica que provém de uma aldeia chamada de Almeida fundada pelos anos de 1223 e 1245 no jugado de Azurara da Beira, actualmente concelho de Mangualde, por João Fernandes, filho de Fernão Canelas, senhor das quintas do Pinheiro e de Canelas, na freguesia de Mangualde.
- No século XVII, esta aldeia passou a chamar-se Almeidinha, sobre a qual foi criado o título de barão e visconde de Almeidinha concedido aos Amarais Osórios.
- À família de Almeida pertencem grandes vultos da História de Portugal, de que são exemplo D. Francisco de Almeida, vice-rei da Índia e Duarte de Almeida, o Decepado, herói da batalha de Toro, a Marquesa de Alorna, etc.

## Armas

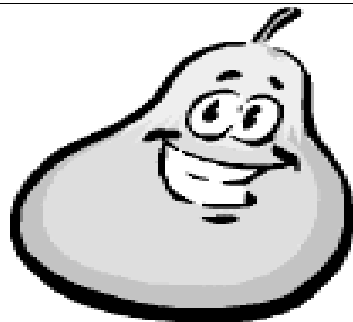
- De vermelho, uma dobre-cruz acompanhada de seis besantes, tudo de ouro, com bordadura do mesmo.
- Timbre: uma águia estendida de negro, carregada de nove besantes de ouro, três no peito e rês em cada asa, ou de vermelho também carregada de nove besantes de ouro.



## A Família Almeida n'Os Neveiros

Ana Paula Bernardo de **Almeida** (Desde 1979)  
Beatriz de **Almeida** Mónica da Costa (Desde 1994)  
Bruno Miguel Bento de **Almeida** (Desde 1985)  
João Miguel Bernardo **Almeida** Sousa Miranda (Desde 1992)  
Jorge Humberto Bento de **Almeida** (Desde 1979)  
José Henriques Antunes de **Almeida** (Desde 1964)  
Luís Miguel Bernardo **Almeida** Sousa Miranda (Desde 1994)  
Olga Costa Bento Antunes de **Almeida** (Desde 1964)

*Susana Barata Henriques*



“Gourmet”

## O Neveiro

Os “nuestros hermanos” espanhóis são uma gente muito engraçada: os Bascos querem ser independentes, ter um país chamado Euskadi, que ainda vai buscar um pedacinho de França; os Catalães já chegaram a legendar os Castelhanos que são entrevistados na sua TV de língua catalana; há Galegos que também querem a independência, muitos Salamantinos afirmam-se Leoneses e não Castelhanos; Em Gijon riscam as tabuletas castelhanas, escrevem Xixon e afirmam-se orgulhosamente como Asturianos. Os Valencianos embora meios Catalães (e nunca Castelhanos!) também se dizem diferentes dos Catalães. Enfim, parece que cada um deles quer sempre ser independente dos demais,...uma autêntica história do Asterix.

**Há até quem diga que a única coisa que une a todos os espanhóis é a Tortilla de Patatas.**

É pois este prato, simples, saboroso e, pelos vistos, de uma popularidade impar, que vos apresento hoje

*Paulo Miranda*  
Bom Proveito!

### Tortilha de Batatas

1) Descascar e lavar as batatas. Cortá-las de seguida em rodela não muito grossas. Cerca de 1 batata grande por pessoa.

2) Fritar em óleo abundante.

Para fazer a Tortilha é importante que as batatas estejam macias e não estaladiças.

Para isso há que fritá-las com lume brando e numa frigideira tapada, durante cerca de 10 minutos

3) Batem-se os ovos num recipiente grande e junta-se sal.

Cerca de 1 ovo por pessoa.

4) Quando as batatas estiverem macias, retiram-se da frigideira e escorrem-se. Misturam-se então bem com os ovos batidos e deixam-se repousar cerca de 5 min.

5) Enquanto a mistura dos ovos e batatas repousa, pica-se meia cebola em pedaços muito pequenos e frita-se com um pouco de azeite durante 5 ou 10 minutos. Quando estiver pronta, junta-se à mistura.

6) Numa frigideira um pouco profunda colocar 2 colheres de azeite. Quando quente, juntar a mistura das batatas, dos ovos e da cebola e frita-se em lume médio.

7) Após alguns minutos na frigideira volta-se a tortilha (Cuidado, nesta parte fazê-lo no ar é difícil - se não sabes, usa um prato; é menos elegante mas mais seguro!). É conveniente adicionar um pouco mais de azeite à frigideira quando se volta a Tortilha, para ela não pegar.

Quando a Tortilha estiver pronta de ambos os lados, está pronta a comer.

## MIGRAÇÃO... NA 1ª PESSOA!!

De: Joaquim Lopes de Carvalho

Continuação d' *O Neveiro* nº 14

"Ia de manha e só vinha à noite. Os primeiros que me principiaram a chamar foi o Sr. Francisco Diniz, ó depois era a minha madrinha Maria Justina irmã de minha mãe. Seguiu-se que eu andava na escola e fazia os três dias de gado a seguir e faltava à escola. Principiara-me a aborrecer, já há tanto tempo a caminhar para a escola, que de vez em quando dizia a meu pai, eu agora já sei, não preciso de aprender mais. Até que uma ocasião, pelo tempo do recolhimento do milho, um dia andava meu pai e minha mãe e minhas manas Maria Justina, Preciosa, Rosa e eu, e minha mãe disse para meu pai, hás-de ver quantos alqueires deu a terra de tal parte e as de tal e as outras para vermos quantos alqueires são ao todo e eu para fazer ver a meu pai que já sabia fui a casa num instante buscar um lápis e um papel e fiz as contas dos alqueires que eram e mostrei a meu pai e disse-lhe outra vez que já não era preciso lá voltar à lição e ele disse-me, então eu amanhã falo com o professor e se ele disser que já podes sair, saís.

No dia seguinte lá falou meu pai com o professor e o professor respondeu-lhe, ele já vai indo mas por enquanto deixe-o cá vir mais estes 2 meses.

Passados os 2 meses tornou o meu pai a dizer-lhe que eu já lhe fazia muita falta ao serviço e eu, se ele via que eu já escapava, que sabia, e ele disse então agora já vai bem mas mande-o lá ainda amanhã, porque cá na terra costumam a sair da escola deixam de cá vir, não se sabe se cá querem voltar se não, despedem-se à espanhola, nem adeus me dizem depois. Vão daqui para fora, querem escrever uma carta e não sabem, mas o seu filho para ele já sabe portanto mande-o cá ainda amanhã para dizer adeus.

Meu pai assim o fez. No outro dia tocou as 4 badaladas no sino da torre, lá vou eu para a escola muito satisfeito por ser o ultimo dia.

Dei a minha lição muito bem, depois fôramos chamados ao quadro, foi o professor fez-me uma conta de dividir e fi-la correctamente, depois mandou-me ir ensinar outros mais baixos de forma que correu tudo muito bem.

Às duas horas da tarde, quando estavam para sair, fez-nos ali um discurso aonde dizia que ali naquela terra ou naquela escola do Coentral Grande que havia o maldito costume de saírem da escola sem dizerem nada ao professor e que saíam sem saber fazer uma carta, mas este meu aluno veio cá hoje para me dizer adeus e é assim que é bonito. Este, que hoje é o ultimo dia, sai mas pode ir para qualquer parte, não sabe muito mas já se remedeia, tanto em contas como em letras, quer dizer ler e escrever, não sai como alguns que andam aqui aos 3 e 4 anos e se querem escrever uma carta à família ou a um amigo têm de pedir a outro para lha fazer e nisto deu-nos ordem para sairmos.

Principiámos todos a sair em linha, quando chegou a minha vez disse-lhe adeus com um aperto de mão e ele, professor Joaquim Barata Mendonça respondeu-me assim é que deviam fazer todos e adeus por saíres. Se algum dia precisares de qualquer lição vem cá que eu cá estarei pronto para te ensinar até onde eu souber e te seja preciso. Dali fim.

E dali em diante, se enquanto ia à escola ia muito dia com o gado, quando saí da escola muito mais ia e fui durante alguns nove meses quando depois meu mano, Manoel Lopes de Carvalho, nascido em 16 de Janeiro de 1870, na dita freguesia do Coentral Grande, que trabalhava em Lisboa, na Rua da Mouraria, nº100, armazém de vinhos do cidadão, Sr. Calado, me escreveu uma carta para meu pai e minha mãe, mandando-lhe dizer que me arranjasse o que eu precisasse e que me mandasse para Lisboa, que ia para marçano de mercearia, mas que fosse o mais breve possível que era um bom patrão para onde eu ia. Eu fiquei todo satisfeito ao ver que meu mano me mandava ir. Nem eu tão pouco sabia o que era marçano.

Mas meus pais, ao verem que me mandava ir, trataram de me arranjar qualquer coisa para eu levar para Lisboa.

Dali por poucos dias queriam me mandar mas como não havia companhia e eu sozinho não podia ir porque nunca dali tinha saído. Um certo dia resolveram eu sair e ir meu mano José Lopes ir me levar a Coimbra e meter no comboio e assim se fez.

Saída da terra

No dia 15 de Junho de 1899, de madrugada, saía de minha casa depois de ter dito adeus a meus manos e pedir a bênção a meu pai e mãe e a meus tios e tias, padrinho Manoel Barata e a minha madrinha Maria Justina, mana de minha mãe.

Disse adeus a todos e saí então em companhia de meu mano José que me veio meter em Coimbra no comboio, mas quando saíramos de casa era com ideias de apanharmos o carro do correio na Lousã.

Viéramos a pé pela Serra do Candal, para virmos mais depressa, mas quando chegáramos a Louzã procurámos por carro e responderam-nos que já tinha saído à bocadito, que já não o apanhávamos.

Lá nos metêramos nós ao caminho a pé, passáramos em Foz de Arouce para diante num andamento regular, mas chegou a pontos que eu já ia quase cansado. Passava um carro de trânsito e meu mano perguntou-lhe por quanto nos levava para Coimbra, o homem respondeu-nos que nos levava mas que queria 240 a cada um. O meu mano José respondeu-lhe que dava a 160 reis, que dava 16 vinténs por nós os dois, o cocheiro continuou em andamento com o carro dizendo que por este preço que nos não levava, mas chegou mais adiante à distância de 50 metros e mandou-nos subir para o carro, pelos 160 reis cada. De forma que chegáramos a Coimbra nova e perguntáramos a que hora havia comboio para Lisboa.

Isto eram 10 horas da manhã e responderam-nos que só às 7 e meia da tarde e nisto meu mano José foi ainda fazer algumas compras a um armazém de sola e cabedais e em seguida metêramos ao caminho prá estação velha.

Chegámos lá era meio-dia, perguntáramos na dita estação a que horas havia comboio para Lisboa e responderam-nos o mesmo que nos tinham dito na Estação antecedente, nisto fôramos nos sentar na sala de espera e ali esperáramos até às ditas 7 horas e meia naquela tarde."

**Não perca a continuação deste artigo, no próximo *Neveiro*.**



## *Violência Doméstica*



O nosso país debate-se, actualmente, com problemas graves exacerbados até ao limite pela comunicação social. É a crise económica, o caso Casa Pia, os incêndios, a recente morte do Féher, a crise governamental, etc. No entanto, continua a dizer-se, ainda, muito pouco acerca da violência doméstica. Considerando que, segundo as estatísticas oficiais, morrem em média cinco mulheres por mês vítimas deste fenómeno social, tem que se concluir que a relevância dada ao assunto é, sem dúvida, ínfima.

O fenómeno da violência doméstica não resulta da acção de alguns tresloucados que nos seus momentos de alucinação agridem as suas companheiras. Ele é, isso sim, algo inerente às relações de poder dos homens sobre as mulheres, estabelecidas socialmente. Ou seja, nos mais variados aspectos, a mulher continua a ser percebida como mais fraca, menos inteligente, etc. Naturalmente daí deriva uma atitude paternalista que permite ao homem o seu controle e manipulação e que desculpa algum acto de violência como necessário.

Para a mulher vítima de violência dentro da própria casa, a ideia de segurança, que está subjacente ao conceito de lar, é preversamente posta em causa. É dentro dela que a mulher se sente amedrontada, humilhada, desprotegida. O medo passa a dominar a sua vida. A família adquire contornos diversos daqueles para os quais foi educada. Os ideais de amor e harmonia familiar dissipam-se e a mulher sente que falha no seu desempenho social. Além de vítima, sente-se também culpada, pela sua incapacidade de ter o ambiente familiar para o qual foi educada. A sua auto-estima é reduzida à nulidade.

As facetas da violência doméstica são variadas e vão desde a violência física, à violência social, psicológica, ao abuso económico e sexual. Estes aspectos podem aparecer isoladamente ou de forma combinada. Para que se tenha uma ideia do tipo de abusos feito nestas áreas, segue-se uma descrição para ilustrar o sofrimento das vítimas:

Violência física – inclui empurrar, esbofetear, pontapear, tentar estrangular, bater a cabeça, queimar com cigarros, espancar, esmurrar, ameaçar com facas ou usá-las ou outras armas. Pode incluir violência contra a propriedade ou os animais domésticos, incluindo atirar objectos, partir a casa, destruir objectos com grande significado para a mulher e cortar-lhe as roupas.

Violência social – A mulher é forçada a viver isoladamente. É proibida de ter contactos sociais ou familiares. O parceiro proíbe a família ou os amigos de a visitar e torna difícil estes contactos. Violência psicológica, emocional ou verbal – A mulher é constantemente criticada pelo parceiro. Troça dela, menospreza-a, humilha-a e ridiculariza-a à frente de outras pessoas.

Intimida-a, usando gestos agressivos, (ou só o olhar quando estão em público), conduz de forma perigosa para a assustar, ameaça-a verbalmente com actos de violência ou até com a morte. O homem grita, diz palavrões, culpa a mulher e acusa-a de ter casos com outros homens. A mulher é perseguida pelo parceiro, que a segue, e controla o tempo que ela demora para ir às compras ou ir buscar os filhos à escola. Ele tem armas em casa que assustam a mulher, ameaça as crianças e os animais domésticos.

Abuso económico – O homem controla o dinheiro todo e mantém a mulher cronologicamente com pouco dinheiro. Alega que o dinheiro é dele, gasta o orçamento familiar a seu prazer, não dando à mulher o dinheiro suficiente para bens essenciais, por vezes humilha-a não lhe possibilitando comprar roupa interior ou até pensos higiénicos. Impede-a de arranjar emprego.

Abuso sexual – obriga a mulher a ter comportamentos sexuais contra a sua vontade, usa pornografia contra a sua vontade, usa a força, ou ameaças para a obrigar a ter relações sexuais. Viola, esfaqueia, mata.

Escolhe como alvo a pessoa que fisicamente ou emocionalmente ou economicamente está em desvantagem em relação a ele (frequentemente tem a preocupação de não bater em sítios visíveis do corpo). Na maior parte dos casos, é amável com os outros, tornando difícil à mulher convencê-los de que está a ser alvo de abuso, causando a descrença de que o seu amigo, parente vizinho o colega de trabalho é violento em casa.

Actualmente, com a mudança na legislação estes actos passaram a ser crime. Por isso, quando se confrontar com alguém que esteja a ser alvo de algum destes tipos de abuso, **DENUNCIE**.

Esqueça aquela máxima sexista “entre marido e mulher não se mete a colher” e cumpra o seu dever cívico, **DENUNCIE**.

Não tenha medo de sofrer represálias, porque pode estar a salvar uma vida, **DENUNCIE**.

A justiça social conquista-se nos actos do dia-a-dia, por isso contribua com a sua parte e **DENUNCIE, DENUNCIE SEMPRE!**



*Paula Claro*  
Fevereiro de 2004





## ***Músicas***

Caso ainda não tenham notado, o nosso rancho está cheio de novos “neveirinhos”: uns já nascidos e outros tantos ainda por nascer. Como não queremos que lhes falte nada e é bom que desde cedo se habituem a ouvir boa música (não dispensando certamente o nosso CD), aqui vai uma sugestão para aqueles que agora se iniciam na vida parental e maternal.

«O duplo Cd “Moments...música para si e para o seu bebé”, apresenta uma compilação de músicas para mães e bebés. A Universal Music decidiu editar esta compilação, uma vez que acredita no papel importante que a música pode desempenhar no bem-estar da futura mãe e no desenvolvimento saudável do bebé, sendo que a música consegue acalmar, relaxar, estimular, despertar e produzir efeitos reais e importantes no nosso organismo.

Refira-se que sendo estruturada e sequencial, a música é de facto uma intervenção lógica, pois é capaz de adormecer os mais pequenos e de pôr a dançar os pré-andantes, sendo curioso dizer que as crianças podem mesmo cantar antes de andar!

A escolha de temas para esta compilação não foi feita ao acaso e atende ao que é hoje referido como o “efeito Mozart”, uma correlação entre a exposição à música clássica e a inteligência, pela similaridade daquela com os ritmos padrão das ondas cerebrais.

Entre os vários temas, destacam-se “Sorrow”, de Hans Zimmer & Lisa Gerrard, “Air”, de Bach, “adagio”, de Albinoni, e “Any Other Name”, de Newman.» (Universal Music)

E vocês papás, não desanimem!! A hora do sono exige força de braços de alguém para carregar o peso dos anjos adormecidos, a hora da papa a presença de alguém atento a ajudar na guerra das colheres e a hora do banho e da fralda de alguém higiénico pronto a combater a sujidade. É nestas horas e em todas as outras de que o dia se compõe que a vossa presença é imprescindível.

***Marta Gromicho & Olga Almeida***